

DOI: 10.47456/15tqx631

Consciência Histórica e Literacia Histórica: Fundamentos Teóricos para a Formação do Sujeito no Ensino de História

Historical Consciousness and Historical Literacy: Theoretical Foundations for
the Formation of the Subject in History Education

Milka Christine Godinho Loureiro
Maria Alayde Alcantara Salim

Resumo: O presente estudo tem como objetivo discutir os fundamentos teóricos que sustentam a formação da consciência histórica e o desenvolvimento da literacia histórica no ensino de História, com base nas contribuições de Jörn Rüsen e Peter Lee. A partir de uma análise conceitual aprofundada, busca-se compreender como esses referenciais teóricos auxiliam na construção de uma prática educativa voltada para a formação de sujeitos históricos capazes de interpretar criticamente o tempo, a memória e o passado. A consciência histórica, concebida como estrutura narrativa que permite aos indivíduos atribuir sentido à experiência temporal, é articulada às competências cognitivas promovidas pela literacia histórica, que envolve a leitura crítica de fontes, a construção de narrativas e a reflexão sobre as evidências. O texto discute ainda a presença desses conceitos na educação básica brasileira, destacando suas potencialidades para a superação de abordagens tradicionais e a promoção de um ensino de História mais reflexivo e significativo. Fundamentado em autores nacionais e internacionais, o estudo contribui para o fortalecimento teórico da didática da História e da educação histórica no Brasil.

Palavras-chave: Consciência histórica; Literacia histórica; Ensino de História; Jörn Rüsen; Peter Lee.

Abstract: This study aims to discuss the theoretical foundations that support the development of historical consciousness and historical literacy in history education, based on the contributions of Jörn Rüsen and Peter Lee. Through an in-depth conceptual analysis, it seeks to understand how these theoretical frameworks contribute to the construction of an educational practice focused on shaping historical subjects capable of critically interpreting time, memory, and the past. Historical consciousness, conceived as a narrative structure that allows individuals to make sense of temporal experience, is articulated with the cognitive skills promoted by historical literacy, such as critical reading of sources, narrative construction, and reflection on evidence. The text also addresses the presence of these concepts in Brazilian basic education, highlighting their potential to overcome traditional approaches and promote a more reflective and meaningful history education. Grounded in both national and international authors, the study contributes to the theoretical strengthening of history didactics and historical education in Brazil.

Keywords: Historical consciousness; Historical literacy; History education; Jörn Rüsen; Peter Lee.

Introdução

As transformações culturais, sociais e tecnológicas das últimas décadas têm impactado significativamente os processos educativos, especialmente no ensino de História. Em um contexto marcado pelo imediatismo e pela fragmentação das experiências temporais, muitos estudantes demonstram dificuldade em atribuir sentido ao passado e compreender sua relevância para a vida presente. O afastamento entre os conteúdos escolares e o cotidiano juvenil contribui para a desvalorização do conhecimento histórico, gerando desinteresse, memorização mecânica e resistência à aprendizagem.

Essa realidade impõe desafios à prática docente e demanda o fortalecimento de abordagens que considerem a dimensão formativa da História, compreendendo-a como campo de produção de sentidos e de orientação no tempo. O ensino de História deve, portanto, superar a lógica transmissiva, voltada à fixação de fatos e datas, e buscar desenvolver nos alunos capacidades interpretativas que os ajudem a ler criticamente as permanências e rupturas que estruturam a experiência humana.

Nesse cenário, a Educação Histórica tem se consolidado como um campo teórico e prático capaz de oferecer referenciais consistentes para uma renovação do ensino da disciplina. Autores como Jörn Rüsen e Peter Lee propõem modelos conceituais que deslocam o foco da informação para a formação de sujeitos históricos, conscientes de seu papel na construção do presente e do futuro. A consciência histórica, entendida como a habilidade de elaborar narrativas sobre o passado a partir da experiência do tempo vivido, e a literacia histórica, concebida como a competência de interpretar criticamente fontes, construir explicações e formular argumentos históricos, constituem pilares fundamentais nesse processo.

Como resposta à crise de sentido que atravessa o ensino de História na contemporaneidade, este estudo tem como objetivo discutir os fundamentos teóricos que sustentam a formação da consciência histórica e o desenvolvimento da literacia histórica, analisando suas implicações para a prática educativa. Parte-se da premissa de que essas categorias, ao articularem tempo, narrativa, memória e evidência, oferecem ferramentas potentes para que os estudantes

possam compreender o mundo em que vivem e intervir de forma consciente e crítica em sua realidade social.

A Consciência Histórica como estrutura narrativa

A noção de consciência histórica, conforme desenvolvida por Jörn Rüsen (2001), representa um dos pilares centrais da Educação Histórica contemporânea. Para o autor, pensar historicamente não é uma faculdade intelectual restrita a especialistas, mas uma capacidade inerente ao ser humano, que emerge da necessidade de orientar-se no tempo a partir da articulação entre passado, presente e futuro.

Rüsen (2001) entende que a consciência histórica se manifesta como uma forma específica de pensamento que organiza a experiência temporal em narrativas dotadas de sentido. Trata-se, portanto, de uma competência prática, que auxilia o sujeito a dar inteligibilidade à própria existência e às transformações sociais. Em sua formulação clássica, o autor define:

A consciência histórica é a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo. (Rüsen, 2010, p. 57)

Esse entendimento ultrapassa a ideia de que a História deve se restringir à reconstituição objetiva dos fatos do passado. Ao contrário, parte do princípio de que a experiência histórica é, antes de tudo, uma construção narrativa que responde às demandas do presente. A historicidade do ser humano está, assim, ancorada na interpretação do tempo vivido, sendo a consciência histórica o meio pelo qual essa interpretação se realiza.

Segundo Rüsen (2001), o pensamento histórico estrutura-se a partir de três dimensões do tempo: o passado, o presente e o futuro. A relação entre essas temporalidades não é linear, mas dialógica, e se expressa por meio da narrativa. Nesse sentido, a consciência histórica é inseparável da linguagem e da cultura, pois o ser humano, ao narrar o passado, projeta sentidos que orientam sua ação no presente e influenciam suas expectativas futuras.

Para o autor, essa consciência não é estática nem universal: ela se constrói socialmente, assume formas diversas e é atravessada por conflitos de memória e disputas de interpretação. A narrativa histórica, enquanto estrutura básica do pensamento histórico, opera como mecanismo de mediação simbólica entre as experiências individuais e coletivas do tempo,

Não há outra forma de pensar a consciência histórica, pois ela é o local em que o passado é levado a falar — e o passado só vem a falar quando questionado; e a questão que o faz falar origina-se da carência de orientação da vida prática atual diante das virulentas experiências do tempo. (Rüsen, 2001, p. 63).

Esse aspecto dá à consciência histórica um caráter ético e político, pois ela está vinculada às formas como os sujeitos explicam o mundo e se posicionam diante dele. Ao mesmo tempo em que possibilita a compreensão do passado, ela também opera como instrumento de crítica e transformação social.

A função formativa da consciência histórica reside, justamente, em sua capacidade de promover a reflexão sobre as continuidades e discontinuidades que marcam a experiência humana. No contexto educacional, isso significa reconhecer que os estudantes não apenas aprendem História, mas também, mobilizam modos de pensar historicamente, baseados em suas vivências, referências culturais e práticas sociais.

Como argumenta Estevão Martins (2019), ao definir a consciência histórica como uma operação cognitiva, simbólica e prática, que estrutura a identidade dos sujeitos no tempo, Rüsen propõe uma ampliação das finalidades do ensino de História. O conteúdo factual cede lugar à formação de competências interpretativas, voltadas à elaboração de significados históricos situados, contextualizados e sensíveis à pluralidade das experiências sociais.

Portanto, trabalhar a consciência histórica na escola implica valorizar a narrativa como eixo organizador do conhecimento histórico, promover o debate sobre as múltiplas versões do passado e incentivar os alunos a reconhecerem-se como agentes históricos,

cujas ações e interpretações também fazem parte do tecido da História.

Literacia Histórica e o pensamento histórico escolar

O conceito de Literacia Histórica, desenvolvido principalmente por Peter Lee, emerge como uma resposta à necessidade de compreender como os estudantes constroem conhecimento histórico, para além da simples retenção de informações. Trata-se de uma abordagem que considera o ensino de História como espaço para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e interpretativas, em que os alunos são levados a lidar com fontes, evidências, narrativas e problemas de significado histórico.

Ao longo de seus estudos com o projeto CHATA (*Concepts of History and Teaching Approaches*), Lee buscou investigar como crianças e adolescentes entendem aspectos essenciais do pensamento histórico, como o uso da evidência, a noção de mudança e continuidade, o papel da explicação histórica e a construção de argumentos. Para o autor, saber História não significa apenas conhecer eventos, datas e personagens, mas ser capaz de pensar historicamente.

Segundo Lee (2006), a Literacia Histórica é: “mais do que uma coleção de fatos; é uma forma de interpretar e entender o mundo, ajudando os indivíduos a situar-se no tempo e no espaço.” (Lee, 2006, p. 56)

Essa concepção aproxima-se das ideias de Rüsen (2010), ao entender a História como prática interpretativa e narrativa, mas enfatiza o aspecto didático-pedagógico da aprendizagem. A literacia histórica opera como um conjunto de competências que o estudante mobiliza ao lidar com questões históricas, tais como: “Como sabemos o que aconteceu?”, “Por que isso aconteceu?”, “Como interpretar versões diferentes de um mesmo evento?” e “Qual a relação entre o passado e o presente?”

Para que essas perguntas possam ser trabalhadas no contexto escolar, Lee (2006) propõe uma organização didática baseada em domínios do pensamento histórico. Cada domínio representa um aspecto específico da compreensão histórica que pode ser desenvolvido de forma progressiva,

conforme o grau de complexidade cognitiva do estudante. Isso implica que a aprendizagem histórica não é linear nem homogênea, mas construída gradualmente, a partir do contato com problemas históricos e da reflexão sobre as fontes.

No Brasil, autores como Luis Fernando Cerri (2010) e Isabel Barca (2006) têm dialogado com essa proposta, adaptando-a ao contexto da educação básica. Cerri (2010) defende que o ensino de História deve ser entendido como processo formativo, que articula conhecimento, linguagem e identidade. Para ele:

A perspectiva de uma literacia histórica — ou, no uso mais comum no português brasileiro — de um letramento histórico é um marco decisivo, pois supera a ideia de ensino de História como transmissão, rumo à ideia de um saber que só concretiza a sua necessidade se é aplicável e faz diferença na capacidade do sujeito de agir no mundo em sintonia com sua progressiva leitura desse mundo. (Cerri, 2010, p. 270).

Assim, a literacia histórica envolve não apenas a compreensão do conteúdo histórico, mas a formação de um olhar crítico sobre os usos do passado e as disputas de memória que atravessam a sociedade. No espaço escolar, esse processo passa pela leitura de fontes primárias, pela análise de narrativas concorrentes, pela problematização das explicações históricas e pela construção de argumentos fundamentados.

Peter Lee (2006) reforça que esse tipo de aprendizado exige que os estudantes desenvolvam familiaridade com os conceitos de evidência, explicação, temporalidade e narrativa, constituindo, assim, um vocabulário próprio do pensamento histórico. Isso significa que o ensino de História deve criar oportunidades sistemáticas para que os alunos leiam, interpretem, questionem e produzam histórias — e não apenas memorizem versões prontas.

Ao abordar a literacia histórica como processo, Lee propõe que os professores trabalhem com sequências didáticas estruturadas, em que os conceitos de segunda ordem — como mudança, causalidade, tempo cronológico e evidência — sejam explicitamente desenvolvidos. Essa proposta visa formar estudantes que não apenas aprendam história, mas se tornem capazes de pensar historicamente, compreendendo os usos sociais da História e sua presença nas práticas culturais contemporâneas.

Nesse sentido, a literacia histórica aproxima-se do conceito de consciência histórica ao reconhecer que o passado não é apenas objeto de estudo, mas referência simbólica que orienta a ação e o posicionamento dos sujeitos no presente. A integração entre esses dois conceitos fortalece uma concepção de ensino de História comprometida com a formação crítica, a construção de identidades e a participação cidadã.

A articulação entre Consciência Histórica e Literacia Histórica no ensino de História

A aproximação entre os conceitos de consciência histórica e literacia histórica permite uma compreensão mais ampla e integrada do ensino de História como prática formativa e reflexiva. Embora partam de campos teóricos distintos — a filosofia da história, no caso de Rüsen, e a didática da história, no caso de Lee —, ambos compartilham o compromisso com a construção de sujeitos históricos capazes de interpretar o tempo, compreender a complexidade do passado e situar-se criticamente no presente.

A consciência histórica, conforme discutido, refere-se à habilidade de atribuir sentido à experiência temporal a partir da elaboração de narrativas sobre o passado. Essa capacidade envolve não apenas a rememoração de eventos, mas a compreensão das dinâmicas históricas que conectam o passado ao presente e ao futuro.

Rüsen (2001) afirma que: “A consciência histórica baseia-se no fato de que o agir humano é, por essência, histórico. [...] O agir humano pode ser entendido como um processo que transcende os limites do tempo natural” (Rüsen, 2001, p. 79).

Já a literacia histórica, ao enfatizar as competências cognitivas desenvolvidas no processo de aprendizagem, foca na forma como os estudantes compreendem e constroem explicações históricas a partir do contato com fontes, narrativas e evidências. Lee (2006) propõe que a aprendizagem histórica se estrutura por meio de conceitos de segunda ordem, que organizam o pensamento histórico escolar e favorecem a autonomia interpretativa dos alunos.

Nesse sentido, a articulação entre os dois conceitos permite superar dicotomias frequentes no ensino de História, como conteúdo e método, conhecimento e formação, memória e crítica. A consciência histórica fornece a base filosófica e ética da formação histórica, enquanto a literacia histórica oferece os instrumentos didáticos e pedagógicos para operacionalizar essa formação no cotidiano escolar.

Essa integração é particularmente relevante no contexto da educação básica brasileira, marcada por desafios históricos como o excesso de conteúdos, a fragmentação curricular, o uso instrumental dos livros didáticos e a pressão por resultados em avaliações externas. A incorporação dos referenciais de Rüsen e Lee propõe uma reorientação do ensino de História, centrada no desenvolvimento de competências de análise, interpretação e argumentação, em diálogo com a realidade sociocultural dos estudantes.

Além disso, ambos os autores contribuem para o reconhecimento dos alunos como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, portadores de experiências, saberes e visões de mundo que devem ser valorizadas e mobilizadas em sala de aula. Como afirma Rosanelli et al. (2023), a consciência histórica é parte do processo de construção identitária e deve ser compreendida como elemento estruturante da formação do sujeito: “A consciência histórica é vista como parte fundamental do processo de construção identitária e de construção do conhecimento, vinculada também à formação histórica do sujeito.” (Rosanelli; Machado; Cunha, 2023, p. 49651-49652).

Essa perspectiva reafirma o papel do ensino de História como espaço privilegiado para o exercício da escuta, do debate e da negociação de sentidos, permitindo que os alunos construam relações significativas com o passado e ampliem sua capacidade de compreender o presente.

Assim, ao articular consciência histórica e literacia histórica, abre-se espaço para práticas pedagógicas mais críticas, dialógicas e orientadas à formação integral dos estudantes. O ensino de História, longe de ser um acúmulo de informações, torna-se uma prática de leitura do mundo, de produção de sentidos e de posicionamento ético diante dos dilemas do tempo histórico vivido.

Considerações finais

A análise dos fundamentos teóricos propostos por Jörn Rüsen e Peter Lee permite reafirmar a importância de uma abordagem crítica, formativa e interpretativa para o ensino de História na educação básica. Longe de se limitar à transmissão de fatos e datas, a disciplina deve ser compreendida como um espaço de construção de sentidos sobre o tempo, a memória e as experiências humanas.

A consciência histórica, enquanto estrutura narrativa que organiza a relação entre passado, presente e futuro, oferece uma base epistemológica sólida para a formação de sujeitos históricos capazes de interpretar sua realidade e de orientar suas ações no tempo. Ao mesmo tempo, a literacia histórica, entendida como um conjunto de competências cognitivas e discursivas, fornece as ferramentas didáticas necessárias para operacionalizar esse processo no ambiente escolar, favorecendo a análise crítica de fontes, a construção de explicações e a elaboração de argumentos.

A articulação entre essas duas dimensões — filosófica e didática — contribui para o fortalecimento da Educação Histórica como campo de pesquisa e de intervenção pedagógica. Ela propõe um ensino que vá além do acúmulo de conteúdos, privilegiando a formação de estudantes que compreendam a História como prática social, permeada por disputas de sentido, conflitos de memória e responsabilidades éticas.

No contexto brasileiro, marcado por desigualdades educacionais, silenciamentos históricos e desafios curriculares, essa proposta teórica ganha especial relevância. Ela oferece caminhos para repensar a prática docente, valorizar as experiências dos alunos e construir um ensino de História mais plural, significativo e comprometido.

Ao refletir sobre as contribuições de Rüsen e Lee, este estudo busca reafirmar que o ensino de História deve formar leitores do tempo e da sociedade — sujeitos capazes de narrar o passado, compreender o presente e imaginar futuros possíveis. Tal compromisso exige um olhar atento às teorias que sustentam

nossas práticas, mas também disposição para renová-las diante dos desafios concretos da sala de aula.

Referências Bibliográficas

BARCA, Isabel. **Perspectiva teórica da educação histórica e desenvolvimento do pensamento histórico.** In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 45–66.

CERRI, Luis Fernando. **Educação histórica e letramento histórico: aproximações e distinções.** In: MONTEIRO, Ana Maria (Org.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia.** Rio de Janeiro: Pallas, 2010. p. 259–273.

LEE, Peter. **Understanding history.** In: SEIXAS, Peter (Ed.). **Theorizing historical consciousness.** Toronto: University of Toronto Press, 2006. p. 129–164.

MARTINS, Estevão Resende. **Consciência histórica.** In: MONTEIRO, Ana Maria; PAGEL, Sandra. **Dicionário de ensino de História.** Rio de Janeiro: FGV, 2019. p. 95–99.

ROSANELLI, Célia; MACHADO, Adriana Maria; CUNHA, Leandro da. **Consciência histórica, formação docente e identidade do sujeito: aproximações e discussões.** *Revista Brasileira de Educação Básica*, v. 8, n. 26, p. 49651–49652, 2023. Disponível em: <https://revistaedbasica.com>. Acesso em: 17 maio. 2025.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história. Os fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Editora UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Formas de cultura histórica.** In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Org.). **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas.** Curitiba: Ed. UFPR, 2007. p. 53–68.

RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história: dimensões – tradições – perspectivas.** Brasília: Editora UnB, 2010.

Sobre os autoras

Milka Christine Godinho Loureiro

milka_chris@hotmail.com

Mestre em Ensino na Educação Básica na linha de **Ciências Humanas** pelo PPGEEB/CEUNES/UFES. Graduação em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2003), Especialização em História e Ensino pela UFES (2006) e Especialização em Gestão Educacional pela Faculdade Saberes, em Vitória-ES (2010). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História e Administração de Unidades Educativas. Atualmente, é professora da

rede estadual de São Mateus-ES, atuando na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Wallace Castello Dutra.

Maria Alayde Alcantara Salim

maria.salim@ufes.br

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2009), na área de Ciências Humanas. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2002). Especialização em História Social pela UFES (1997). Graduação em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (1991). Desenvolve pesquisas nas áreas de Ensino de História, História do Espírito Santo e História Cultural. Atualmente, é Professora Associada III da Universidade Federal do Espírito Santo, lotada no Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (DECH/CEUNES), atuando como docente no curso de Pedagogia e no Programa de Mestrado Acadêmico em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/CEUNES/UFES).